
Relato

Reflexões sobre 11 Anos de Tenepes

Reflections on 11 Years of Penta

Reflexiones sobre 11 años de Teneper

Jeffrey Lloyd*

* Voluntário da Associação Internacional de Consciencimetrologia Interassistencial (Conscious), do Conselho Internacional de Neologística (CINEO), da Associação Internacional de Pesquisa em Ectoplasmia e Paracirurgia (Ectolab) e Interassistencial Services for the Internationalization of Conscientiology (ISIC).

jblloyd@gmail.com

Relato recebido em: 09.08.2014.

Aprovado para publicação em: 20.10.2014.

AUTOVIVÊNCIAS

Comecei a tenepes aos 31 anos de idade, dia 5 de outubro de 2003, às 21h, em Dunedin, Nova Zelândia. É a cidade em que ressemei, mas da qual estava afastado por cerca de uma década – é o endereço da casa da minha mãe, onde morava com minha parceira enquanto aguardávamos o visto para viver na Austrália.

Embora tenha atuado como professor da Consciencimetrologia desde 2000 e ter tido um pressentimento de que deveria ter começado a tenepes mais cedo, a cada leitura do Manual da Tenepes me sentia distante das condições ideais lá detalhadas para iniciar a tarefa energética pessoal. Além disso, ainda inexperiente, pensava que me dedicar uma hora por dia era demais.

Este período coincidiu com a mudança de Londres, Inglaterra, onde eu estava trabalhando e ensinando Consciencimetrologia por alguns anos, para Sydney, Austrália.

Este movimento planejado era para começar nova fase de vida, que incluiu a abertura de uma unidade de uma organização conscienciocêntrica. Eu era professor e voluntário naquele momento, e assumi a coordenação. Eu tinha conhecimento das precauções necessárias de ter concluído os primeiros 6 meses de tenepes antes de chegar na Austrália, e em última análise, é assim que funcionou.

Os seis meses iniciais correram bem; o maior empecilho foi dormir durante a prática – após iniciar o dia despertando às 06h, a tendência era um cansaço às 21h, e a prática da tenepes deitado foi um dos motivos para ter dormido durante a tenepes. Após acordar, 50 minutos depois, ou até mais, sentia-me sonolento.

Avalio que eu deveria ter dado mais atenção ao sono, talvez com uma sesta no início do dia, apesar da rigidez do meu cronograma. A flexibilidade de horários que possuo atualmente foi um dos benefícios da tenepes. Há mais priorização, quando possível, de um descanso somático para estar bem para a tenepes. Além disso, percebo que, para mim, fazer a tenepes sentado é melhor que deitado.

Assim, seis meses depois do dia inicial, eu estava em Sydney, Austrália, enfrentando a criação de uma nova etapa na vida: novo emprego, nova casa e estabelecimento de uma sede da instituição da Consciencimetrologia. Curiosamente, já retornei para três das quatro cidades em que vivi antes de iniciar a tenepes (Dunedin,

Sydney e Londres, a única cidade em falta a partir dessa lista é Vancouver). *Até que ponto isso é importante, especialmente quando se considera a assinatura pensênica que eu criei nesta vida? Até que ponto isso é limpar o meu passado desta vida atual, permitindo-me estar mais liberado no futuro?*

Logo após ter chegado em Sydney, acordei cedo um dia e me percebi com pensenes alterados, espirros e com o nariz fortemente irritado. Pensei sobre o meu corpo físico estar sem qualquer dessas repercussões nas últimas oito horas de sono, e percebi que essa irritação não era física. De fato, foi uma perturbação gerada pela falta de higidez pensênica. Após assumir a responsabilidade por isso, imediatamente tomei controle dos meus pensenes e o autoassédio passou. Tal postura, conhecida como autodesassédio, começou a ser observada com mais regularidade.

Na Austrália, senti uma potencialização da tenepes e maior homeostase energética. Apesar de não ter referencial externo e só conhecer um tenepessista no país, o meu progresso era notável. Por exemplo, quando primeiro estive em Sydney e ia a algum supermercado ou ao centro da cidade, logo me percebia intoxicado energeticamente, com impaciência e irritação.

Depois, isto deixou de ocorrer. Também fiquei surpreso ao ver meu potencial energético ao manipular minhas próprias energias através dos palmochacras, pois havia adquirido maiores parapercepções e senti claramente o feixe de energias entre as mãos. Engajei-me no voluntariado, na docência conscienciológica com itinerâncias, junto à administração e gestão de necessidades operacionais do instituto. Fora isso, havia o tempo integral dedicado à atuação profissional.

Eis cinco ocorrências de memórias e acontecimentos durante tal período:

1. Um colega de Taiwan comentou sobre a filha doente de um colega em outra cidade. Ao longo do dia, acabei esquecendo da criança, mas, ao começar a tenepes, a primeira pessoa que me veio à mente foi a jovem. *Para mim, isso foi uma confirmação do trabalho em equipe intrafísica-extrafísica envolvida na tenepes.*

2. Um dia, decidi telefonar para meu pai para nosso encontro mensal. Nesse dia, ele contou que a mãe de um velho amigo meu estava doente. Decidi escrever imediatamente um pedido de tenepes para ela. A senhora acabou por dessorar naquela noite. *Isto me fez refletir sobre a disponibilidade assistencial que é preciso ter para ser um melhor tenepessista – se não houvesse falado com meu pai naquele dia teria feito mesmo nível de assistência?*

3. A percepção do nível de toxicidade das energias dos assistidos era extrema nos primeiros dias de tenepes. Aprendi, em Sydney, a não lutar contra essa parapercepção, mas sim de relaxar e me envolver mais, pois a assistência é feita de modo mais eficiente, assim.

4. Há uma mudança de demanda energética durante a prática, em média após 36 minutos. Existe um período em que o transe é mais profundo, seguido de outro em que minha lucidez e participação ativa é maior. Nesse último, são mais frequentes lacrimejamentos e bocejos.

5. Raramente me movo durante a tenepes, nunca senti a necessidade de mover os braços ou mãos como parte do processo de exteriorização energética. Já recebi o *insight* do amparador de que posso tentar, se quiser, mas não se trata de uma necessidade para mim.

Assim, depois de cinco anos e bastante trabalho desempenhado na Austrália, lembro-me de pensar “*se continuar com as mesmas tarefas nos próximos cinco anos, estarei perdendo minha proéxis, desperdiçando*

minha oportunidade de evoluir e ter novas experiências”. Com esse entendimento, tomei a decisão de me mudar para o Brasil, especificamente Foz do Iguaçu para aproveitar as oportunidades de crescimento, da infraestrutura estabelecida na cidade e os novos desafios existentes na Cognópolis. Também, mudando-me para o Brasil, poderia me aposentar mais cedo e ficar mais à disposição do voluntariado, de trabalhos mentaisso-máticos, da interassistência, da autopesquisa e do desenvolvimento parapsíquico.

A ida para Foz do Iguaçu me propiciou mudanças, entre as quais estas dez:

01. Um aumento no ritmo e profundidade da recin.
02. Uma melhor capacidade de realizar e sustentar a tares multidimensional.
03. A progressão natural da minha proéxis sem rupturas ou deslocamentos.
04. Maior autoconfiança na vivência da Cosmoética.
05. A assunção de maior responsabilidade em relação à tares.
06. Maior autonomia, com a autoconsciência de ser minipeça no maximecanismo.
07. Aumento do parapsiquismo.
08. Diminuição de conflitos íntimos.
09. Consideração da condição da tenepes 24 horas.
10. Consideração da condição da desperticidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas observações relatadas, considero necessitar entender a tenepes como a principal atividade que promove e sustenta a maioria das alterações citadas acima e outras, de natureza similar. Além disso, vejo que a tenepes é o ponto de partida para a consciência tornar-se teleguiada autocrítica e um dos principais fatores no desenvolvimento do parapsiquismo pessoal, o que em si é um dos principais diferenciais entre os níveis evolutivos acima de determinado patamar.

Além disso, considero a influência holopensênica inevitável dos amparadores com o tenepessista, não para diminuir o valor e a natureza insubstituível do esforço pessoal, mas principalmente pelo impacto real dela sobre a sua trajetória evolutiva.

Será que a evolução é possível sem a tenepes? Minha opinião pessoal é que sim, porém, provavelmente, com maior tempo ou até mesmo vidas, e teria sido muito mais difícil para alcançá-los, e para manter e criar uma autossustentabilidade mais eficiente no ritmo de minha evolução pessoal.

Eu teria feito o máximo de assistência ao longo do caminho que tenho trilhado? Não, mesmo tendo dado o mesmo número de aulas para o mesmo número de alunos, se não fosse tenepessista teria feito apenas uma fração da assistência.

Refletindo, *percebo que a tenepes sustentou a trajetória da minha proéxis e ao mesmo tempo me levou mais fundo em mim mesmo ao expandir as minhas ações para além de mim.* Em outras palavras, a tenepes foi a base que estimulou o aprofundamento do meu autoconhecimento e expandiu o meu nível de interassistência, algo de que não me arrependo.